

LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA: O ETERNO DEBATE

E. F. Konrad Koerner*

RESUMO: As relações entre 'filologia' e 'lingüística' têm sido polemicamente tratadas no estudo da linguagem há pelo menos 150 anos. O presente texto, ao mesmo tempo em que procura mapear as origens do debate, chama a atenção para certas diferenças terminológicas no uso das duas designações, tais como se consagraram na tradição anglo-saxônica de estudo da linguagem e nas tradições que se desenvolveram na Europa continental. O valor dos termos – *philology* (ingl.); *philologie* (fr.); *philologie comparée* (fr.); *Philologie* (al.) e *linguistics* (ingl.); *linguistique* (fr.); *Sprachwissenschaft* (al.); *Linguistik* (al.) – bem como o escopo das disciplinas que correspondentemente passaram a designar, é revisto a partir do uso que lhes imprimiram algumas gerações de lingüistas do século passado e deste século.

Palavras-chave: lingüística, filologia, lingüística histórico-comparativa.

1. OBSERVAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Quando, em 1981, os organizadores da 5a. Conferência Internacional de Lingüística Histórica decidiram promover um painel especial para discussão sobre filologia e lingüística histórica (v. Ahlqvist 1982, p. 394-459, com contribuições de Henning Andersen, Lyle Campbell e muitos outros), a maioria de nós pensava há muito que as relações entre 'filologia' e 'lingüística', uma controvertida questão no estudo da linguagem por mais de 150 anos, estivesse *ad acta*. [A batalha havia sido ganha pela 'lingüística', que, das duas disciplinas, era a que se revelara a 'verdadei-

* Universidade de Ottawa, Canadá. O presente texto é a tradução de uma versão abreviada daquele proferido em Mesa Redonda sobre 'Lingüística e Filologia', dentre as atividades promovidas pelo Grupo de Trabalho em 'Historiografia da Lingüística Brasileira' durante o XI Encontro Nacional da Anpoll, realizado em João Pessoa, de 2-6 de junho de 1996. O autor agradece às professoras Cristina Altman e Lineide do Lago Salvador Mosca a generosidade em verter o texto original do inglês para o português brasileiro.

ramente científica'. Só os menos esclarecidos é que ainda pensaram em aderir à filologia.] Voltar a tal questão naquele momento era sinal de que alguma coisa em linguística havia mudado, notadamente em linguística histórica. Ao mesmo tempo em que repensávamos essas relações, tomávamos consciência do fato de que o ressurgimento do interesse pela questão estava ligado a certos avanços no campo da linguística diacrônica. Não se tratava apenas de uma volta a velhas controvérsias.

Para compreender melhor estes avanços, entretanto, especialmente nos países anglo-saxônicos, é preciso conhecer um pouco a dimensão histórica das tradicionais relações entre 'filologia' e 'linguística', assim como os sentidos associados aos dois termos, nas diversas etapas do desenvolvimento do estudo da linguagem, enquanto ciência. A divulgação do painel de discussão nas três línguas oficiais da Associação deixou óbvio para mim que, enquanto as versões do francês e do alemão para o termo 'linguística histórica', *linguistique historique* e *historische Sprachwissenschaft*, não pareciam problemáticas, a contraparte francesa e alemã sugerida para o termo inglês *philology* não cobria o mesmo terreno. Bloomfield (1933, p. 512, nota 2.1.) observou o seguinte – observação que pode, aliás, ser considerada paradigmática da atitude dos linguistas para com a filologia durante a maior parte do século XX:

O termo *philology* ['filologia'], na Inglaterra e no uso americano mais antigo, se aplica não somente ao estudo da cultura (especialmente através de documentos literários), mas também à *linguistics* ['linguística']. É importante distinguir entre *philology* (a *Philologie* alemã; a *philologie* francesa) e a *linguistics* (a *Sprachwissenschaft* alemã, a *linguistique* francesa), já que os dois estudos têm pouco em comum.¹

O sentido original de 'filologia' nas três línguas era 'amor pelo estudo e pela literatura', um sentido que parece ainda estar presente em todas as culturas ocidentais. Tanto o francês quanto o alemão retiveram muito do sentido original do termo, juntamente com um senti-

1 "The term *philology*, in British and in older American usage, is applied not only to the study of culture (especially through literary documents), but also to linguistics. It is important to distinguish between *philology* (German *Philologie*, French *philologie*) and linguistics (German *Sprachwissenschaft*, French *linguistique*), since the two studies have little in common."

do mais especializado de 'estudo dos textos literários'. Entretanto, em inglês, o termo ficou bastante associado a 'estudo histórico de textos', uma vez que tem sido tradicionalmente usado com o sentido de 'linguística histórico-comparativa', alguma coisa que acabou por se designar, ao menos nos países de fala alemã, *Sprachwissenschaft*, *tout court*, especialmente do último quartel do século XIX até meados do século XX.²

Nas seções que se seguem, esquematizarei parte das origens do debate entre filologia e linguística e, ao mesmo tempo, procurarei apontar as razões de certas diferenças terminológicas nos usos das tradições anglo-saxônica e continental européia. Devemos ter em mente, entretanto, que toda a disciplina que almeja o status de disciplina autônoma tem que desenvolver sua própria metalinguagem, suas próprias ferramentas terminológicas, e que o estudo da linguagem passou por fases de desenvolvimento paralelas àquelas que se deram em outros campos (cf. Koerner 1980).

2. O INÍCIO DO SÉCULO XIX

A Linguística, do modo como viemos a entender hoje seu objeto, desenvolveu-se durante o século passado. Não é fácil determinar seu início, como a maior parte dos manuais de história da linguística parece sugerir. Entretanto, se o desenvolvimento de um certo número de termos técnicos serve de guia, podemos retroagir o seu surgimento à primeira década do século XIX. Em 1803, o termo 'gramática comparativa' [*vergleichende Grammatik*] foi usado pela primeira vez, provavelmente por analogia com o termo 'anatomia comparativa'. Por volta de 1808, o termo *Linguistik* apareceu como parte de uma efêmera publicação (mas provavelmente já tinha sido usado anteriormente), e vários anos antes de Thomas Young ter cunhado o termo 'indo-europeu' [*Indo-European*] (1813), como se lhe atribui, o composto 'indo-germânico' já tinha esta-

2 Estudos de inclinação mais teórica ou filosófica e não exclusivamente voltados para o indo-europeu se agruparam sob o termo 'linguística geral' [*allgemeine Sprachwissenschaft*].

do em uso (cf. Shapiro 1981). Outros termos e conceitos foram desenvolvidos logo depois, porém os três mencionados são de particular interesse para a presente discussão.

A cunhagem de uma nova terminologia sugere o desejo de estabelecer um novo campo de estudo, o que não significa, necessariamente, que estes neologismos tenham transformado o campo em uma disciplina autônoma de imediato. De fato, foram necessários os esforços conjuntos de duas gerações de pesquisadores para que o estudo da linguagem se estabelecesse em terrenos firmes. Mesmo que haja indícios de que a primeira geração de lingüistas históricos ou histórico-comparatistas (Bopp, Rask, Grimm e outros, por exemplo) tinha consciência de que estavam se movendo para caminhos que os separavam de grande parte da tradição filológica de orientação literária, não tentaram dela se divorciar abertamente. De fato, ainda que ampliando, talvez, o sentido usual do termo, eles se consideravam 'filólogos'. Como conseqüência, embora o termo *Sprachwissenschaft* tenha estado disponível para esses estudiosos desde o início, não parece terem feito uso significativo dele.

August Friedrich Pott (1802-1887), um antigo discípulo de Bopp e grande admirador de Humboldt (que viveu tempo suficiente para ver sua obra de uma vida eclipsada por duas gerações subseqüentes de lingüistas, primeiramente por Curtius e Schleicher e, a seguir, pelos neogramáticos), não fez muito uso do termo. Ao invés disso, usava expressões como *Sprachforschung* ['pesquisa da língua'], ou como *Sprachkunde* ['conhecimento da língua'], em seus escritos (e *Sprachlehre* ['doutrina da língua'], por 'gramática'). Parece que Pott começou a usar o termo *Sprachwissenschaft* mais regularmente a partir de meados de 1840, depois de ter-se associado entusiasticamente à *Zeitschrift für die Wissenschaft der Sprache* [Revista da Ciência da Linguagem] (4 volumes, 1846-1853) de Albert Hofer (1812-1883), que foi logo eclipsada pela *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung* [Revista de Linguística Comparativa] (1852 ss.) de Adalbert Kuhn (1812-1881), publicação que existe ainda hoje.

Hofer, como Pott, estava interessado em promover uma abordagem mais geral da linguagem, de tipo humboldtiano, fato que não foi

bem recebido pela maioria dos lingüistas da segunda metade do século XIX, de orientação positivista mais acentuada.³ Ele expressou como segue, no que toca ao objetivo e à filosofia geral de sua *Zeitschrift*:

Pode parecer supérfluo acrescentar expressamente que pesquisadores de qualquer língua serão bem-vindos e que nós não estamos nos limitando à nova ciência da comparação das línguas. Antes, convencidos da insuficiência de um método exclusivo, oferecemos nossa revista como um órgão de mediação e conciliação de correntes divergentes.⁴

Em virtude de sua posição acerca das 'correntes divergentes' na ciência da linguagem, não é de surpreender que o próprio Hofer se pronunciasse em favor de uma colaboração entre os *classische Philologen* ['filólogos clássicos'] e os *Indogermanisten* ['indo-europeístas'] no parágrafo subseqüente ao seu editorial. Procedendo assim, Hofer alinhou-se com muitas das mais antigas autoridades da disciplina, e com o então jovem Georg Curtius (1820-1885). Curtius, percebendo uma rota potencial de colisão entre as abordagens divergentes no estudo da linguagem, publicou uma monografia, em 1845, aos 25 anos, na qual tentou demonstrar a utilidade da *Sprachwissenschaft* (isto é, da gramática histórico-comparativa) para a filologia clássica. De fato, Curtius passou a vida buscando a reconciliação entre os dois campos, conforme fica evidente a partir das suas muitas afirmações programáticas, da publicação de gramáticas do grego e do latim, da criação de revistas (por exemplo, os *Studien zur griechischen und lateinischen Grammatik* [Estudos sobre Gramática Grega e Latina], Leipzig, 1868-1877), etc. Parece que a fidelidade de Curtius à 'filologia', o enfoque mais tradicional acerca da

3 *A Internationale Zeitschrift für Allgemeine Sprachwissenschaft* [Revista Internacional de Linguística Geral] (Leipzig; posteriormente, Heilbronn, 1884-1890; reimpr., com prefácio de E.F.K. Koerner, Amsterdam, John Benjamins, 1973) de Friedrich Techmer (1843-1891) não se saiu muito melhor. Depois de sua morte, não havia ninguém por perto para prosseguir e continuar a publicação.

4 "Es mag nicht überflüssig sein, ausdrücklich hinzuzufügen, dass uns Forscher jeder Sprache willkommen sind, und dass wir uns so wenig auf die neuere Wissenschaft der Sprachvergleichung beschränken werden, dass wir, überzeugt von der Unzulänglichkeit einer ausschliesslichen Methode, unsere Zeitschrift vielmehr als ein Organ zur Vermittlung und Versöhnung der verschiedensten Richtungen anbieten."

linguagem, e sua filosofia geral da ciência lingüística, distanciaram-no mais e mais dos avanços da lingüística feitos durante as décadas de setenta e oitenta. (cf. Wilbur 1977, para uma análise mais profunda e para a documentação do período em questão).

Em contraste com Curtius, August Schleicher (1821-1868), seu contemporâneo e amigo de longa data, assumiu uma posição muito diferente. De fato, Arbuckle (1970, p.18) considera Schleicher o responsável pela distinção 'gratuita' entre 'lingüística' e 'filologia'. Chegamos agora a meados do séc. XIX.

3. MEADOS DO SÉCULO XIX: SCHLEICHER

Atualmente é, de modo geral, aceito que Schleicher foi o mais influente teórico da linguagem dos meados do século XIX. De fato, há boas razões para crer que a doutrina dos neogramáticos é, em grande parte, pouco mais que a extensão dos ensinamentos de Schleicher (cf. Koerner 1981 para detalhes). De 1850 em diante – cf. seu *Die Sprachen Europas in systematischer Uebersicht* [As línguas da Europa em um levantamento sistemático] – Schleicher argumentou enfaticamente a favor de uma nítida distinção (e divisão de trabalho) entre *Lingüistik* (mais tarde ele preferiu o termo *Glottik*⁵ para referir à 'ciência lingüística') e *Philologie*.

Para Schleicher, a *Philologie* é uma 'disciplina histórica' que considera a linguagem um meio de investigar o pensamento e a vida cultural de um povo. Por contraste, a *Linguistik* – e parece que o termo aqui é bastante forçado, quando não polêmico – é um campo que se ocupa da 'história natural do homem'. De fato, a lingüística (no modo de Schleicher compreender a disciplina) é uma ciência natural por duas razões: porque seu objeto de investigação é acessível à observação direta e porque a linguagem está fora do domínio da livre vontade do indivíduo. Na visão de Schleicher, a linguagem está sujeita a leis naturais, inalteráveis. Ele admite que estas se aplicam especialmente à *Formenlehre* ['doutri-

5 *Glottik*, sendo (diferentemente de *Linguistik*) inteiramente derivado do grego e similar em estrutura a *Botanik*, *Physik* e *Mathematik*, era naturalmente muito mais atraente para Schleicher do que qualquer outro termo, por exemplo, *Sprachwissenschaft*.

na das formas'] (Schleicher introduziu o termo *Morphologie* na nomenclatura lingüística somente em 1859), e muito menos ao domínio da sintaxe e, menos ainda, no que se refere à estilística (Schleicher 1850, p. 4).

Enquanto *Philologie* tem que ver com *Kritik*, com interpretações individuais de textos predominantemente históricos, *Linguistik* (observe-se que Schleicher não usa o termo muito mais comum *Sprachwissenschaft*) atinge sua plenitude quando tem que lidar com línguas tais como as indígenas, que não têm tradição escrita. Schleicher concorda que o lingüista, especialmente no que concerne às línguas clássicas que não são mais faladas, necessita de tempos em tempos da filologia como disciplina auxiliar, e que também a filologia requer informação lingüística de quando em vez. Entretanto, trata-se fundamentalmente de dois objetos distintos de investigação, na medida em que um lingüista não precisa, afinal, ser filólogo. Em oposição ao filólogo, que poderia trabalhar com base no conhecimento de uma única língua (por exemplo, o grego), um lingüista, na visão de Schleicher (1850, p. 4), precisa conhecer muitas línguas, na medida em que a *Linguistik* se torna sinônimo de *Sprachvergleichung* [comparação de línguas] (p.5).

Fica claro, a partir do capítulo introdutório do seu livro de 1850, "Linguistik und Philologie", que Schleicher tinha uma intenção polêmica por trás da sua argumentação; ele estava preocupado em estabelecer a lingüística como uma disciplina autônoma e não simplesmente como um apêndice da filologia clássica, da literatura ou do estudo do sânscrito (que tradicionalmente estava mais ligado à filosofia, teologia e cultura geral do que ao estudo da língua em si mesma). Nos seus escritos subsequentes, Schleicher continuou a enfatizar a dicotomia entre 'filologia' e 'lingüística', e a ciência lingüística, a partir de então, sempre procurou deixar clara tal distinção. (a citação de Bloomfield mencionada acima é um exemplo típico).

4. A LINGÜÍSTICA DEPOIS DE SCHLEICHER

Pelo menos no que diz respeito ao método lingüístico histórico-comparativo, temos permanecido no quadro de trabalho que foi ampla-

mente estabelecido por Schleicher. Foi em grande parte devido a seu trabalho que a 'ciência linguística' (termo que se tornou popular no mundo anglo-saxônico através de Max Müller, nos anos 1860) tornou-se uma disciplina profissionalizada logo após a sua morte, tendo sido criadas cátedras em ramos individuais da família linguística indo-européia em muitas universidades da Europa Central (por exemplo, a cátedra de línguas eslavas em Leipzig, em 1870, com August Leskien como primeiro responsável⁶; a cátedra de línguas germânicas em Jena, em 1876, de Eduard Sievers, etc.). A influência de Schleicher pode também ser percebida no modo como as gerações de linguistas posteriores encararam a filologia em contraste com a linguística.

Parece-nos estranho que Berthold Delbrück na sua obra de 1880 *Einleitung in das Sprachstudium* [Introdução ao Estudo da Linguagem] (cf. Delbrück 1882, p. 55) tenha apresentado Schleicher como sendo, "na essência do seu ser", um filólogo, já que trinta anos antes fora o próprio Schleicher (e ninguém mais) que explicitara a diferença entre o seu trabalho e o dos filólogos (clássicos). Contudo, se lembrarmos da 'atitude eclipsante' que os *Young Turks*⁷ da Universidade de Leipzig e de outras partes da Alemanha assumiram em relação à geração precedente, aquela da metade da década de 70 à metade da década de 80, não ficaremos tão surpreendidos pelo fato de Delbrück (1842-1922) ter distorcido os fatos para que se adequassem à sua argumentação, ou seja, de que a *junggrammatische Richtung* ['orientação neogramatical'] representava muito mais 'contribuições novas' (Delbrück 1882, p. 55) do que continuação de linhas de pesquisa há muito estabelecidas. Já em 1885, quando a "guerra das monografias"⁸ deixou óbvio que Curtius

6 Talvez devesse ser lembrado que Leskien (1840-1916), o reconhecido líder dos *Junggrammatiker* [neogramáticos] era – tal como Johannes Schmidt (1843-1901), Hugo Schuchardt (1842-1927) e Jan Baudouin de Courtenay (1845-1929) – um antigo discípulo de Schleicher.

7 A expressão *Young Turks* ['Jovens Turcos'] foi usada para se referir aos jovens acadêmicos, que são imaturos, ou que são percebidos como imaturos pelo 'establishment', ou seja, a *Velha Guarda*. (N. do T.)

8 A expressão 'guerra das monografias', de Kurt Jankowsky, se refere aos livros e panfletos mutuamente críticos que circularam entre os neogramáticos e seus oponentes durante o conturbado ano de 1885. (N. do T.)

e outros expoentes de sua geração tinham perdido a batalha final, Karl Brugmann (1849-1919) tocou uma corda diferente.

Em seu discurso inaugural, "Sprachwissenschaft und Philologie" (Brugmann 1885, p. 1-41), como o primeiro responsável pela cátedra de *vergleichende Sprachwissenschaft* [Linguística Comparativa] na Universidade de Freiburg, pôs em evidência o fato de que os dois campos são complementares e não opostos um ao outro (p. 7 ss.). De fato, ele chegou ao ponto de afirmar (p.17):

De fato, até agora ninguém [!] foi capaz de traçar uma linha conceptual entre a linguística e a filologia que pudesse ser sustentada. [...] A discrepância não deve ser buscada na matéria em si, mas no ser humano, que julga parcialmente, e que as coloca em [discussão].⁹

Brugmann oferece uma explicação histórica para o fato de se ter estabelecido uma distinção entre as duas áreas de investigação, nomeadamente, esta deveria ser explicada "aus dem Entwicklungsgange, den die wissenschaftliche Forschung genommen hat" ["a partir das trilhas de desenvolvimento que a pesquisa científica tomou"]. Em outras palavras, que havia sido importante em determinado momento do desenvolvimento da ciência da linguagem traçar tal distinção (provavelmente para afirmar a sua identidade). Por volta de 1885, Brugmann não sente nenhuma necessidade de manter a separação dos dois campos; ao contrário, faz um apelo a favor da sua íntima colaboração. Neste momento, contudo, a linguística já tinha se tornado uma disciplina autônoma e não tinha mais necessidade de se defender de intromissões de campos vizinhos. Como resultado, encontramos poucas discussões acerca das relações entre filologia e linguística, dessa época em diante, até os últimos anos da década de 1960, quando novas batalhas foram travadas na linguística.

9 "In der That hat denn auch noch niemand [!] eine begriffliche Grenze zwischen Linguistik und Philologie zu ziehen gewusst, deren Unhaltbarkeit such nicht leicht darthun liesse. [...] Nicht in den Sachen liegt eine Discrepanz, erst der Mensch, der einseitig urtheilende, trägt sie hinein."

5. VARIANTES MODERNAS DO DEBATE ENTRE FILOLOGIA E LINGÜÍSTICA

Como podemos inferir da citação de Bloomfield do início deste artigo, a relação entre filologia e lingüística se tornou uma 'não-questão' na ciência lingüística. (Observe-se que a citação foi retirada de uma nota de rodapé, não é uma afirmação geral do corpo do texto.) De fato, dado o rumo que tomou a lingüística depois do surgimento do *Cours de Linguistique Générale* de Saussure e a posição de destaque que a 'lingüística sincrônica' passou a ocupar de 1920 em diante em muitas escolas do pensamento lingüístico, há indicações de que o debate logo se centralizou em torno das relações entre uma lingüística 'tradicional', i.e., 'histórico-comparativa' (indo-européia), ou 'diacrônica', em termos saussurianos, e uma lingüística 'sincrônica', 'descritiva', ou 'estrutural', um tipo de abordagem de análise lingüística que abstrai o fator tempo e vê a língua como uma rede de relações sistemáticas entre as partes que constituem o todo. Muitos países, especialmente aqueles com longa tradição de estudo em lingüística histórico-comparativa indo-européia, como aqueles de língua alemã ou a Itália (mas também a França e outros), não aceitaram com entusiasmo a 'lingüística sincrônica' antes de meados da década de sessenta, época em que uma nova geração de lingüistas norte-americanos distinguia seu campo de trabalho do de seus predecessores como sendo 'meramente estruturalista' 'taxonômico' ou pior, 'desinteressante'. A sua abordagem de análise lingüística (igualmente a-histórica) foi chamada 'transformacional' e – para enfatizar o que clamavam ser uma 'criativa' compreensão da linguagem – 'gerativa', embora seja evidente que seu trabalho também pode ser igualmente bem descrito como 'estrutural'.

Como resultado da tentativa visivelmente polêmica da geração mais jovem de separar suas contribuições das de seus predecessores imediatos – fenômeno que achamos melhor ilustrado pela batalha dos *Junggrammatiker* com seus professores, especialmente Curtius e Schleicher, há mais de cem anos atrás – parece que alguns lingüistas (alguns deles com inclinações filológicas) sentiram que as relações entre 'lingüística' e 'filologia' deveriam ser debatidas novamente.

Enquanto Arbuckle (1970) considerou a distinção 'gratuita', outros autores tiveram uma visão bastante diferente da questão. Jankowsky (1973), sob a influência do tradicional sentido anglo-saxônico de 'filologia', sugere uma distinção tripartite entre, nomeadamente, *Philologie* ['Filologia'], *Linguistik* ['Lingüística] e *Literaturwissenschaft* ['Ciência da Literatura']. Esta divisão separa a literatura da filologia, que freqüentemente co-ocorrem nos países de língua alemã, em que o termo 'filologia' representa 'filologia clássica' ou 'língua e literatura de uma determinada língua'.

Anttila (1973), antes de tudo um estudioso de lingüística histórica (embora nunca tenha negligenciado questões teóricas gerais), procura conciliar a tradicional dicotomia, reivindicando uma orientação filológica mais forte para a lingüística. Lingüistas deveriam conhecer línguas, afinal – não unicamente (e muitas vezes imperfeitamente) sua língua materna. No mesmo volume em que foi publicada a contribuição de Anttila, entretanto, os editores Bartsch e Vennemann propuseram uma dicotomia bastante diferente, e aqui vemos novamente um tipo de argumentação polêmica, semelhante àquela encontrada pela primeira vez em Schleicher (1850), embora agora em um outro momento do desenvolvimento da lingüística.

Bartsch e Vennemann (1973) usam os dois termos (geralmente sinônimos) do alemão *Linguistik* e *Sprachwissenschaft* para sustentar seu argumento a favor da seguinte 'novidade': enquanto *Sprachwissenschaft* seria o termo geral (incluindo tanto a pesquisa sincrônica quanto a diacrônica), *Linguistik* deveria representar a parte essencialmente teórica da ciência da linguagem.

Esta não foi uma proposta isolada, mas a expressão de uma 'nova fé' de vários outros lingüistas da mesma geração, que sentiram necessidade de distinguir seu trabalho do de seus predecessores e de colegas que porventura pensassem diferente. *Sprachwissenschaft*, nos países de fala alemã, (assim como *glottologia* na Itália, por exemplo), acabou por significar uma perspectiva de estudo considerada antiquada, incompatível com as modernas 'descobertas' sobre a natureza da linguagem. Já *Linguistik* (em italiano: *linguistica*) – geralmente equacionado com 'teo-

ria lingüística' – sugere as mais recentes aquisições científicas da nova geração para o estudo da linguagem. Hildebrandt (1975) é só mais um exemplo da polêmica entre *Sprachwissenschaft* ['a lingüística tradicional'] e a *Linguistik* ['lingüística moderna'], típica da década de setenta, tanto na América do Norte quanto na Europa.

Embora haja fortes polêmicas em certas áreas, outras vezes no debate acham que as controvérsias entre estruturalistas e transformacionalistas, e outras com elas relacionadas, apenas disfarçam questões mais fundamentais, tais como as relações (redefinidas) entre 'lingüística' e 'filologia' (cf. Hofmann 1973) e do quanto a lingüística pode usufruir do trabalho filológico (cf. Anttila 1973).

6. OBSERVAÇÕES CONCLUSIVAS

Do diálogo entre os pesquisadores que participaram do painel sobre 'Filologia e Lingüística Histórica' em 1981, em Galway, Irlanda, ficou claro haver um consenso geral sobre as vantagens de se estar familiarizado com a prática filológica quando se está interessado em questões que dizem respeito à mudança lingüística. De fato, sem uma boa base filológica, adequadamente adquirida, uma pesquisa neste campo não representa um avanço de conhecimento. A duradoura preocupação dos gerativistas com a teoria – em detrimento de um saudável respeito por dados – explica por que eles contribuíram tão pouco para "uma investigação do mecanismo e das causas do ainda intrigante fenômeno da mudança lingüística" (cf. Noam Chomsky e Morris Halle no seu prefácio à *Cartesian Linguistics*, p.X) desde o momento em que anunciaram pela primeira vez este desideratum, em 1966. Até que ponto a prática filológica enquanto tal não se reporta à língua, mas à análise de textos, tendo em vista propósitos literários, ou outros, não-lingüísticos, é, com certeza, uma questão diferente, que não nos diz respeito aqui.

Tradução de Cristina Altman e Lineide Salvador Mosca

BIBLIOGRAFIA

- AHLQVIST, Anders (ed. 1982) *Papers from the 5th international conference on historical linguistics*. Amsterdam, John Benjamins.
- ANTTILA, Raimo (1973) *Linguistik und Philologie. Linguistik und Nachbarwissenschaften* ed. por Renate Bartsch & Theo Vennemann, p. 177-91. Kronberg/Taunus, Scriptor.
- ARBUCKLE, John (1970) August Schleicher and the Linguistics/Philology Dichotomy: A chapter in the history of linguistics. *Word*, 26, p. 17-31. (Publicado de fato em 1973)
- BARTSCH, Renate & VENNEMANN, Theo (1973) *Linguistik. Linguistik und Nachbarwissenschaften* ed. por R. Bartsch & T. Vennemann, p. 9-20. Kronberg/Taunus, Scriptor.
- BLOOMFIELD, Leonard (1933) *Language*. New York, Holt, Rinehart & Winston.
- BRÉAL, Michel (1878) Sur les rapports de la linguistique et de la philologie. *Revue de Philologie, de Littérature et d'Histoire anciennes*, 2a. série, 2, p. 1-10.
- BRUGMANN, Karl (1885) *Sprachwissenschaft und Philologie. Zum heutigen Stand der Sprachwissenschaft* por K. Brugmann, p. 1-41. Strassburg, Karl J. Trübner; (reimpr. em Wilbur 1977)
- DELBRÜCK, Berthold (1882) *Introduction to the study of language: A critical survey of the history and methods of comparative philology of Indo-European languages*. Leipzig, Breitkopf & Härtel. (Nova ed. com introdução de E.F.K. Koerner, Amsterdam, John Benjamins, 1974; 2a. ed., 1989.)
- HILDEBRANDT, Rainer (1975) *Linguistik contra Sprachwissenschaft. Neuere Forschungen in Linguistik und Philologie: Aus dem Kreise seiner Schüler Ludwig Erich Schmitt zum, 65. Geburtstag*, p. 1-6. Wiesbaden, Franz Steiner.
- HOFMANN, Dietrich (1973) Sprachimmanente Methodenorientierung – sprachtrans-zendente 'Objektivierung': Zum Unterschied zwischen Linguistik und Philologie. *Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik*, 40, p. 295-310.
- JANKOWSKY, Kurt R[obert] (1973) *Philologie – Linguistik – Literaturwissenschaft. Lingua Posnaniensis*, 17, p. 21-35.
- KOERNER, E[rnst] F[rideryk] Konrad (1980) Pilot and Parasite [corr. para: Pirate] Disciplines in the Development of Linguistics Science. *Folia Linguistica Historica*, 1, p. 213-24. (reimpr. em Koerner 1989, p. 245-56).
- _____ (1981) The Neogrammarian Doctrine: Breakthrough or Extension of the Schleicherian Paradigm. A problem in linguistic historiography. *Folia Linguistica Historica*, 2, p. 157-87. (reimpr. em Koerner 1989, p. 79-100)
- _____ (1989) *Practicing linguistic historiography*. Amsterdam & Philadelphia, John Benjamins.
- SCHLEICHER, August. (1850) *Linguistik und Philologie. Die Sprachen Europas in systematischer Uebersicht* por A. Schleicher, p. 1-5. Bonn: H.B. König. (Nova ed. com introdução de E.F.K. Koerner, Amsterdam & Philadelphia, John Benjamins, 1983.)

KOERNER, E.F. Konrad. *Lingüística e Filologia: O eterno debate.*

SHAPIRO, Fred R (1981) The origin of the term 'Indo-Germanic'. *Historiographia Linguistica*, 8, p. 165-170.

WILBUR, Terence Harrison (ed. & introd.) (1977) *The Lautgesetz-Controversy: A documentation.* Com ensaios de G. Curtius, B. Delbrück, K. Brugmann, H. Schüchardt, H. Collitz, H. Osthoff and O. Jespersen. Amsterdam, John Benjamins.

ABSTRACT: The relationship between 'philology' and 'linguistics' has been a contentious issue in the study of language for over 150 years. This paper sketches part of the origins of the philology/linguistics debate and, at the same time, hints at some of the reasons behind certain differences between the Anglo-Saxon and the Continental European terminological traditions. The value of terms like *philology*, *philologie (comparée)*, *Philologie*; and *linguistics*, *linguistique*, *Sprachwissenschaft*, *Linguistik*, as well as the scope of the corresponding disciplines they used to designate are revisited, tracing their usage among some generations of 19th and 20th century linguists.

Keywords: linguistics, philology, historical-comparative linguistics